REVISTA CORDIS

MEMÓRIA, PODER E FÉ: A IGREJA DE NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO COMO ESPAÇO FORTIFICADO

MEMORY, POWER AND FAITH: THE IGREJA DE NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO AS A FORTIFIED SPACE

Spartacus Soares da Silva [1]
Claudia dos Reis e Cunha [2]

RESUMO: A pesquisa analisa a relação entre a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação e a ocupação holandesa na cidade de Porto Calvo, investigando suas repercussões na memória coletiva e no patrimônio cultural local. O estudo busca compreender a importância da Igreja como testemunho material do período colonial e discutir as disputas de narrativas históricas em torno de Domingos Fernandes Calabar, frequentemente interpretado entre as figuras de herói e traidor. A metodologia fundamenta-se em revisão bibliográfica, análise documental e pesquisa histórica sobre a ocupação holandesa e a preservação patrimonial. Os resultados demonstram que a Igreja permanece como importante marco histórico e simbólico das disputas territoriais no período da invasão holandesa na região. Conclui-se que a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação constitui um patrimônio cultural fundamental para a compreensão das múltiplas narrativas sobre o passado colonial de Porto Calvo, reforçando a importância da preservação patrimonial e da valorização da memória local.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja de Nossa Senhora da Apresentação; Patrimônio Cultural; Domingos Fernandes Calabar; Porto Calvo.

ABSTRACT: This research analyzes the relationship between the Church of Our Lady of the Presentation and the Dutch occupation of the city of Porto Calvo, investigating its repercussions on collective memory and local cultural heritage. The study seeks to understand the importance of the Church as a material testimony of the colonial period and to discuss the disputes over historical narratives surrounding Domingos Fernandes Calabar, frequently interpreted as both a hero and a traitor. The methodology is based on bibliographic review, document analysis, and historical research on the Dutch occupation and heritage preservation. The results demonstrate that the Church remains an important historical and symbolic landmark of the territorial disputes during the Dutch invasion of the region. It concludes that the Church of Our Lady of the Presentation constitutes a fundamental cultural heritage for understanding

[1] Mestrando em Arquitetura e Urbanismo (UFU). Universidade Federal de Uberlândia. Orcid: https://orcid.org/0009-0002-0508-1201 E-mail: spartacus.silva@ufu.br
[2] Doutorado em Arquitetura e Urbanismo (USP). Universidade Federal de Uberlândia. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2819-2852 E-mail: claudiareis@ufu.br

the multiple narratives about the colonial past of Porto Calvo, reinforcing the importance of heritage preservation and the valorization of local memory.

KEYWORDS: Church of Our Lady of the Presentation; Cultural Heritage; Domingos Fernandes Calabar; Porto Calvo.

10.23925/2176-4174.39.2026e76974

Recebido em: 23/06/2026.
Aprovado em: 03/07/2026.
Publicado em: 08/07/2026.

Introdução

O território Sul da Capitania de Pernambuco conhecido como Alagoas do Sul, em meados do século XVI destacou-se devido ao seu desenvolvimento econômico e populacional. Nesse mesmo período iniciou-se o povoamento de Porto Calvo, como sede política e administrativa em terras de sesmaria doadas por Duarte Coelho a Cristóvão Linz em reconhecimento por seus feitos de desbravamento territorial.

Nesse contexto de ocupação e conquista territorial, Cristóvão Linz, influenciado por sua profunda devoção religiosa cristã católica, edificou uma Igreja consagrada ao culto da Virgem Maria – a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação, que traz em seu frontispício a data de 1610, e apresenta formas simples, com nave única, capela-mor destacada e ausência de ornamentos – características ligadas ao chamado estilo Chão Português. Essa iniciativa não apenas refletia sua fé pessoal, mas também simbolizava a integração entre a expansão territorial e a consolidação das práticas religiosas na região. A esse respeito, Douglas Apratto Tenório (2006, p. 15), faz a seguinte menção: “Preservar as raízes religiosas e culturais era uma forma importante de consolidar a presença no território conquistado, ensinando o que consideravam sua civilização [...]”, não apenas como expressão de fé e de poder, entre o espiritual e o político, mas também para o reconhecimento e fortalecimento dos colonizadores na região de Porto Calvo.

Nesse contexto pretende-se analisar a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação como cenário dos acontecimentos e conflitos territoriais no período

colonial brasileiro, bem como a presença de Domingos Fernandes Calabar como personagem de relevante valor histórico, ligado à própria história do templo religioso.

Parte-se de um questionamento central: de que maneira a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação pode ser compreendida não apenas como um espaço religioso, mas também como cenário estratégico dos conflitos territoriais ocorridos no período colonial brasileiro, especialmente diante das disputas entre portugueses e holandeses? E como a trajetória de Domingos Fernandes Calabar contribuiu para a construção das memórias, narrativas e interpretações históricas relacionadas ao patrimônio cultural da cidade de Porto Calvo?

1. A Invasão Holandesa

Conforme consolidado na historiografia, o período da ocupação dos holandeses na Capitania de Pernambuco se estendeu de 1630 a 1654, o que não impede em determinado momento avançamos ou recuarmos, neste campo de ocupação sob o comando de Mauricio de Nassau. Como recorda Álvaro Queiroz em sua obra *Episódio da História de Alagoas* (1999, p. 48), os holandeses empreenderam suas tentativas de fixação em território brasileiro:

> [...] primeiro na Bahia, no ano de 1624, não tendo sucesso a incursão. Pela segunda vez em 1630, em Pernambuco, onde estabeleceram o seu domínio por cerca de 24 anos [...] naquela época, a terra das Alagoas[3] era parte integrante da Capitania de Pernambuco.

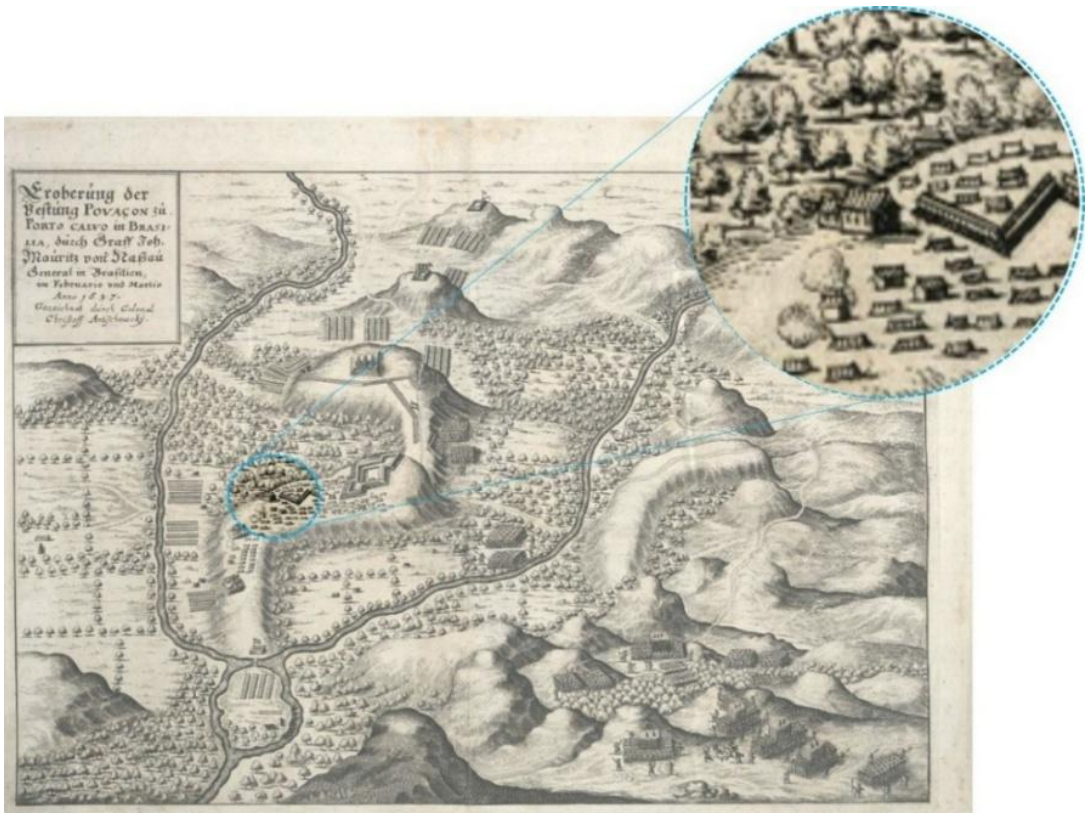
Esse processo de invasão não apenas reconfigurou o espaço político e militar no Nordeste, como também impactou profundamente a organização social, econômica e religiosa da região. Período dos primeiros registros visuais da arquitetura na paisagem geográfica do nordeste holandês do século XVII, são obras produzidas por artistas e cartógrafos que integraram a comitiva de Maurício de Nassau, durante sua administração em Pernambuco. Descritos no conjunto de trabalhos em quadros, pinturas avulsas, estudos e desenhos dos artistas seiscentistas, Frans Post, Albert

[3] Politicamente, a história de Alagoas pode ser divide em quatro fases distintas. A primeira corresponde ao período em que o território integrava a Comarca de Pernambuco, entre 1706 a 1817. Nesse intervalo, possuía autonomia administrativa, estando subordinada ao Governo Pernambucano. Essa condição perdurou até o dia 16 de setembro de 1817, quando por Decreto de Dom João VI, Alagoas foi elevada à condição de Capitânia autônoma, desvinculando-se de Pernambuco e iniciando um novo ciclo como Capitania de Alagoas (Álvaro Queiroz - *Episódio da História de Alagoas*. Maceió, 1999, p. 48).

Eckhout e Zacharias Wagner. O primeiro se destacou pela pintura de paisagem, o segundo retratando os indígenas, africanos e mestiços, além de naturezas-mortas com frutas tropicais e Zacharias Wagner contribuiu com ilustrações da flora, fauna e costumes locais.

Na cartografia de George Marcgraf e Willem Piso, que ilustraram essa Geografia do Brasil Holandês, que nos dizeres de Luís da Câmara Cascudo (1956, p. 87-88), “Marcgraf ficou sendo uma referência. A maior [...]. Esses mapas não foram apenas os mais completos do seu tempo. Foram os mais elogiados na Europa”. Desta forma, podemos vislumbrar as extensões hidrográficas com seus rios e riachos, as fortificações, a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação (Figura 1), numa paisagem ainda bucólica de um povoamento em formação. Essas produções foram fundamentais para documentar e divulgar a realidade do Brasil Holandês na Europa, oferecendo uma abrangência da diversidade cultural e natural da colônia.

Figura 1- Mapa do Cerco e Conquista de Porto Calvo, destacando a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação.



Fonte: BNDIGITAL[4]

[4] MERIAN, Matthaeus. Eroberung der Vestung Pavaçon zu Porto Calvo in Brasília, durch groff Joh. Mauritz von Nassau General in Brasilien, im februario und martio ano 1637. Amsterdam [Países Baixos], 1637. 1 mapa, 27 x 35,3cm em f. 32,8 x 39,1 cm.

O olhar dos artistas holandeses seiscentistas no Brasil Colônia permitiu paralisar no tempo um período de intensos conflitos territoriais, ilustrado através das cores vibrantes, dos elementos tropicais, da riqueza de detalhes da natureza, das batalhas navais e terrestres, dos povoados, vilas, cidades, engenhos, casas-grandes, fortes e igrejas. Esses registros foram documentados em uma série de paisagens pintadas a óleo sobre madeira, durante o período da ocupação territorial holandesa na Capitania de Pernambuco[5]. Vejamos o que diz Leonardo Dantas Silva (2011, p. 254):

> [...] a produção desse período retrata bem uma documentação iconográfica de maior importância, registrando a arquitetura civil e religiosa, como também a militar, a flora e a fauna, tipos humanos e elementos outros da maior importância para a compreensão da paisagem seiscentista do Nordeste".

Na tela intitulada *Paisagem ao redor de Porto Calvo no Brasil, com uma figueira em primeiro plano*[6] (Figura 2), destacam-se duas importantes edificações do povoado – o Forte e a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação –. A obra datada de 1639, constitui o único registro iconográfico conhecido da referida Igreja nos seiscentos. Por meio desta obra é possível constatar que a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação já se fazia presente em terras porto-calvense, naquele período.

Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart354227/cart354227.jpg. Acesso em: 23 jun. 2025.

[5] Outras produções de Frans Post são atribuídas à sua segunda fase artística compreendida entre 1645 e 1660, a terceira fase, entre 1661 e 1669, período no qual o artista já havia retornado à sua terra natal, os países baixos. No artigo Casas-Grandes, do livro *Caminhos do Açúcar*: Engenhos e Casas-grandes das Alagoas (s.d. p. 80) Carmem Lúcia Dantas menciona que: "[...] vários estudos aqui produzidos que serviram de base para seus quadros e desenhos posteriores. Infelizmente, porém esses estudos nunca foram encontrados".

[6] Frans Post, Paisagem ao redor de Porto Calvo no Brasil, com uma figueira em primeiro plano, 1639, 0,63mX0,89m, Acervo: Museu do Louvre, Paris [quarto 838, Ala Richelieu, Nível 2]. Disponível em: https://collections.louvre.fr/en/ark:/53355/cl010062026. Acesso em: 10 set. 2025.

Figura 2- Paisagem ao redor de Porto Calvo no Brasil.



Fonte: Musée du Louvre

Podemos observar na imagem que, além do Forte situado na parte mais alta do povoado, destaca-se a presença marcante da Igreja, ambos conectados pela formação do casario, evidenciando a geografia e a natureza local. Esses aspectos também foram descritos por Dirceu Lindoso (2019, p. 37-38) em analisar e vislumbrar a produção pictórica de Frans Post, registrando suas impressões:

> É reveladora a pintura que da Porto Calvo setecentista fez o pintor Frans Post: uma colina escavada com um burgo fortificado do cimo, onde se vê um casario quase invisível ao pé da fortaleza. Isto faz a peculiaridade de Porto Calvo: uma colina fortificada numa mesopotâmia de vários rios, afluentes e brejos alagados, e com um mar de morros que lhe corre a poente [...]. O modelo porto-calvense é formado por um grande círculo de sentido centrípeto, que aglutina os diversos pontos de colonização espalhado numa morraria de matas e extensões baixas de brejos alagados em torno da colina fortificada.

As paisagens reproduzidas por Frans Post servem como testemunhos visuais da riqueza natural do nordeste brasileiro e das transformações provocadas pela presença europeia seiscentista. Suas obras também permitem refletir sobre o olhar holandês dirigido à terra e aos seus habitantes. A respeito dos feitos da comitiva do

Conde Maurício de Nassau, Leonardo Dantas Silva (2011, p. 146), comenta que um dos objetivos era:

> [...] preservar em telas a paisagem e topografia da conquista, bem como os feitos militares e a arquitetura civil do Brasil Holandês, o Conde de Nassau contou com os serviços do pintor Frans Post [...] o pioneiro no registro da paisagem em terras da América, o primeiro pintor acadêmico a documentar em cores o panorama brasileiro [...]. De sua produção intensa, são hoje conhecidos pouco mais de 160 trabalhos. No Brasil, o jovem pintor tornou-se a memória visual do governador, transformando-se numa espécie de cronista da paisagem [...] vale lembrar que, já no final da vida, quando de carta dirigida ao Rei Luís XIV, de França, na qual faz oferta de seus *presentes brasileiros* [...].

Carla Mary da Silva Oliveira (2006, p. 123) informa que a obra de Frans Post: "está intrinsicamente ligada ao cenário histórico em que viveu e às características da arte neerlandesa do século XVII, onde a pintura de paisagem era um gênero comum e de mercado garantido [...]". (OLIVEIRA, 2013, p. 22, *apud*, OLIVEIRA 2006, p. 123). Corroborando com o pensamento de Oliveira (2006, p. 123), Francisco Isaac Dantas de Oliveira (2014, p. 167) menciona que: "Hoje, a maior herança da ocupação holandesa para o Brasil são essas imagens como resquícios de sua breve passagem. Dentre elas, as paisagens de Frans Post possuem um valor fundamental", para a compreensão daquele período histórico.

Como se sabe, as obras de Frans Post[7] revelam uma ambientação cuidadosamente atribuída à paisagem, com traços de uma natureza aprazível, como pode ser constatado no Instituto Ricardo Brennand em Recife, Pernambuco, a exposição de 20 óleos do artista, que reúne uma das mais importantes coleções de quadros de Frans Post do período holandês além de gravuras aquareladas retratando a paisagem brasileira.

As paisagens dos trópicos seiscentistas do nordeste brasileiro, retratadas pelos artistas da época, são analisadas pictoricamente por Joaquim de Souza Leão (apud Leonardo Dantas Silva, 2011, p. 254), que investiga a maneira como esses artistas

[7] Como parte da comitiva do Conde Mauricio de Nassau, a serviço da Companhia das Índias Ocidentais, destacou-se o Alemão Zacharias Wagener, que estando no Brasil entre 1634 e 1641. Durante sua permanência, produziu 110 aquarelas reunidas sob o título *Livro dos Animais,* um álbum de grande relevância para os estudos sobre da arte do Brasil holandês. Além dele, merece destaque Albert Eckout, encarregado de retratar figuras humanas, além da flora e da fauna, trabalhos voltados principalmente à divulgação cientifica, que o tornaram um valioso documentarista do grupo de artistas vinculado à Comitiva de Nassau. Outro nome importante é do astrônomo George Mackgraf, notável por sua contribuição à cartografia e por seu envolvimento em diversos campos do saber. Para mais detalhes consultar: Leonardo Dantas Silva na sua obra *Holandeses em Pernambuco 1630/1654.* 2. ed. Recife: Caleidoscópio, 2011, pp. 146 e 147.

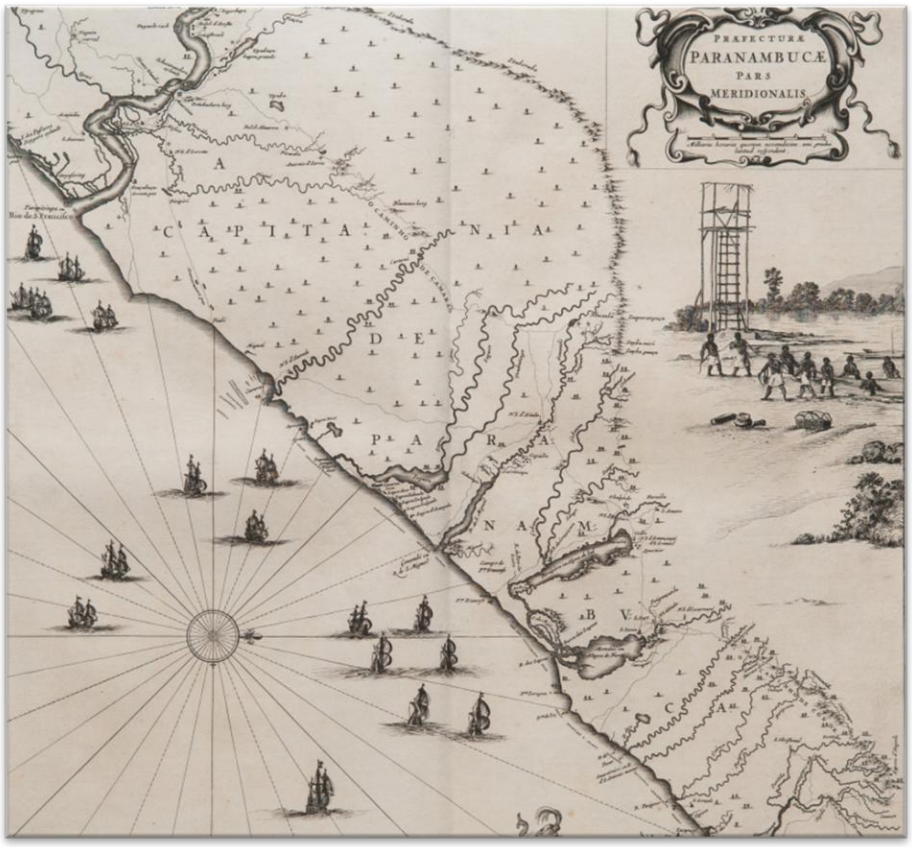
retratavam a natureza, a vegetação exuberante e a paisagem brasileira, com ênfase no uso das cores, da luz e das pinceladas. Joaquim de Souza Leão menciona que:

> Post pintava com pinceladas ligeiras. Só as folhas destacam-se recortadas com um pouco mais de empastas. Irradiam em todas as direções, subtraídas à ação do vento. É certo que ele preferia representar no primeiro plano as ramagens duras da flora da catinga. As folhas dos mamoeiros são as que melhor lhe saem: empastadas, reluzentes, em relevo sobre o resto da vegetação. A preparação da madeira era feita com pincel fino e a camada preliminar nem sempre branca, o que concorreu para escurecer com o tempo muitos quadros. Alguns parecem pintada diretamente sobre a madeira, tão ligeira era essa camada, que lhe deixa ver os veios. Tal foi, aliás, a maneira de pintar do tempo – o apogeu da arte holandesa – que assegurava a regularidade da superfície, uma das exigências acadêmicas. (SILVA, 2011, p. 254).

Finalmente, o que se segue ao período de Mauricio de Nassau nas terras nordestina ficou registrado pela participação de outros artistas e cientistas holandeses, que contribuíram significativamente para o registro e a compreensão da região. Conforme destaca Cicero Péricles de Carvalho (2021, p. 77), esses profissionais desempenharam um papel crucial na documentação geográfica das terras que ocuparam por 24 anos, evidenciando o vasto conhecimento que possuía sobre a região:

> Os registros e os estudos do território ocupado foram tantas e de tanta qualidade que, sem a presença de Maurício de Nassau e sua corte, a história do Brasil holandês seria outra. Um desses cientistas, o cartógrafo Georg Marcgraf, desenhou o primeiro mapa detalhado de Alagoas, incluída no sul de “Pernambuco Pas Meridionalis” [Figura 3]. Esse mapa de 1643 faz um levantamento minucioso dos rios e lagoas da costa alagoana, assim como os engenhos e portos existentes na área ocupada pelos holandeses. (CARVALHO, 2021, p. 77).

Figura 3- “Pernambuco Pas Meridionalis”.



Fonte: www.brasilianaiconografica.art.br

Os registros de Georg Marcgraf, nesse período do Brasil Colônia, se somam às pesquisas que evidenciam a importância do Sul da Capitania de Pernambuco durante a presença holandesa em Alagoas. De fato, a relevância dos registros cartográficos de Georg Marcgraf, foi uma contribuição significativa para o entendimento geográfico e científico do Nordeste brasileiro durante o período da ocupação holandesa no século XVII.

Cícero Péricles de Carvalho (2021, p. 86) questiona “O que ficou de holandês depois de duas décadas de ocupação?”. Em resposta a sua indagação, o autor recorre às obras de quatro escritores alagoanos que, ao longo das suas trajetórias, pesquisaram aspectos relevantes do território alagoano na historiografia brasileira. Revisitando e reproduzindo as informações textuais de Lêdo Ivo, Abelardo Duarte, Guedes de Miranda e Mário Marroquim, Cícero Péricles de Carvalho (2021, p.86) nos oferece uma visão ampla e detalhada daquilo que permaneceu como vestígios da presença holandesa durante o período de ocupação territorial:

O escritor Lêdo Ivo comenta:

> [...] o caráter efêmero e predatório, da colonização holandesa, diante da ação de permanência da colonização luso-brasileira, pode ser surpreendido na extraordinária rapidez com que desapareceram os sinais da presença do flamengo [...]. Destruído o Forte Maurício em Penedo, restaurados os engenhos, a Holanda sumiu por completo da paisagem alagoana. É como se a ocupação flamenga tivesse sido um pesadelo – uma sucessão de imagens funestas mas sem materialidade.

O Jornalista, Escritor e Médico Abelardo Duarte menciona:

> Sem um projeto de colonização, a passagem holandesa no distante território de alagoas foi tão efêmera que, de sua presença física, não ficaram vestígios tangíveis: os quatro fortes foram destruídos sem deixar traço algum.

O porto-calvense Guedes de Miranda é taxativo:

> [...] não ficou de sua passagem nenhum traço de trabalho construtivo. Nenhum vestígio de atividade fecunda e criadora. Nenhuma obra de arte".

O Antropólogo, Jurista e Músico Mário Maroquim analisa:

> Na toponímia inexiste marca holandesa e, da língua do invasor, somente a palavra "brood", que significa "pão", ficou presente em dois vocábulos regionais nordestinos: "brote", espécie de farinha extraída do ouricuri e "broa", um biscoito regional. (CARVALHO, 2021, p.86).

Os registros sobre esse período histórico pouco foram preservados por meio de documentação, restando à posteridade apenas as lembranças cristalizadas no "imaginário popular" e as descrições contidas nos mapas e relatórios produzidos pelos holandeses durante sua ocupação no Nordeste (CARVALHO, 2021).

Pautados em repertório temático, o território de Alagoas é retratado nas obras pictóricas de Frans Post, identificadas e interpretadas de forma descritiva, evidenciando a exuberante paisagem tropical em perspectiva histórica. Na cartografia de Georg Marcgraf, encontra-se preciosas fontes de informações, com seus desenhos detalhados que ampliam nossa compreensão dos espaços da Geografia Holandesa das Alagoas.

2. Domingos Fernandes Calabar

O mulato Domingos Fernandes Calabar (Figura 4), nascido em 1609, no povoamento de Porto Calvo, filho de Ângela Alvares e de pai português, conforme narra Craveiro Costa em sua obra intitulada *História das Alagoas* (2020, p. 81), "[...] estudou em colégio dos jesuítas, conseguindo uma instrução muito acima do nível

comum nos homens melhores do tempo [...]". Calabar era proprietário de três engenhos na região de Porto Calvo, "[...] cujo os bens foram confiscados" pela coroa portuguesa, na intenção de "fazê-lo passar por um indivíduo ignorantíssimo e socialmente desclassificado" (COSTA, 2020, P.82).

Personagem que ecoa na história do Brasil colonial e da região de Porto Calvo, Domingos Fernandes Calabar, era conhecedor do território, geografia e litoral da Capitania de Pernambuco, suas áreas alagadiças, rios, matas, todos os caminhos que levaram a Companhia das Indias Ocidentais, liderada por Mauricio de Nassau conquistarem parte da capitania de Pernambuco.

Figura 4- Projeção da imagem de Domingos Fernandes Calabar na fachada da Igreja de Nossa Senhora da Apresentação, em Porto Calvo/AL.



Fonte: Narrativas em Movimento Porto Calvo/youtube.com (2017)

Segundo Olímpio Eusébio de Arroxelas Galvão, Calabar

> era praça militano do exército português, sob o comando do infeliz e bravo general Mathias de Albuquerque, em cujo tempo rebentou a invasão dos holandeses em Olinda, servia com distinção, tomou parte no ataque do arrayal do Bom Jesus, em que foi honrosamente mencionado. (GALVÃO, 1881, p. 23).

Com as investidas dos holandeses em conquistar a capitania de Pernambuco, Calabar na esperança de um Brasil holandês mais justo, junta-se aos batavos na

conquista do território. “Aos vinte de abril de 1632 passou-se para o inimigo, pondo a sua disposição o talento, atividade, experiência e dedicação sem limites: não é aqui de certo cabível discutir a moral que teria guiado a Domingos nessa revolução sua.” (GALVÃO, 1881, p. 23). Outras narrativas abordam a ida de Calabar para o exército inimigo, como a história que ele estaria em fuga, por ter abusado de uma moça e para que ela não o delatasse cortou-lhe a língua.

Galvão descreve que os holandeses

> colhem os mais assinalados partidos dos seus conhecimentos práticos, de sua agudeza, ardis e temerária astucia: elevou-se entre eles até o posto de sargento mó: guiou-os a Parahiba e as Alagôas, incendiou arrayais e povoações; armou inúmeras emboscadas [...]. (GALVÃO, 1881, pp. 23 e 24).

Considerado pelo exército português como traidor, condenado à morte por enforcamento, sem direito a um julgamento digno e justo, Calabar foi executado aos 22 dias do mês de julho do ano de 1635. Esquecido no tempo e na história, o personagem volta ao cenário nacional em 1973 com a peça “Calabar: O elogio da traição” de Chico Buarque de Holanda e Ruy Guerra. O texto dramatúrgico, escrito por Chico Buarque e Ruy Guerra, apresenta uma releitura crítica da figura histórica de Domingos Fernandes Calabar, tradicionalmente marcado pela historiografia oficial como traidor durante o período da ocupação holandesa no Nordeste brasileiro. Nesse sentido, a obra desconstrói a narrativa heroica tradicional e introduz uma reflexão sobre poder, dominação e memória histórica. A peça não busca apenas reabilitar a imagem de Calabar, mas provocar o público a pensar criticamente sobre os mecanismos de construção da história oficial. Escrita durante o período da ditadura militar brasileira, a peça também pode ser interpretada como uma metáfora sobre censura, repressão e resistência política, utilizando o passado colonial como espelho das contradições do presente.

Segundo Carvalho (2021, p.87), outros autores também escrevem sobre a história de Domingos Fernandes Calabar:

> [...] (O Sonho de Calabar de Geir Campos), artigos e poemas (Calabar, de Jorge de Lima e Calabar, um poema dramático, de Lêdo Ivo), romances históricos (Calabar, de João Felício dos Santos; Calabar, de Romeu Avelar), história em quadrinhos (Calabar, de Ruben Wanderley Filho) e um documentário (Calabar, de Hermano Figueiredo).

Aos 22 do mês de julho de 2018, o porto-calvense Domingos Fernandes Calabar em ato simbólico foi julgado no Fórum da Comarca de Porto Calvo, o ato constituído por nobres jurista e advogados e um júri composto por historiadores, retomou os debates históricos acerca de sua suposta traição durante a ocupação holandesa no Nordeste brasileiro. A acusação ficou a cargo do procurador Geraldo Magela, como advogado de defesa Ney Pirauá, além da participação do Juíz Ney Alcantara, e compondo o júri os historiadores Douglas Apratto Tenório, Sávio de Almeida, Geraldo de Majella e Zezito Araújo, o procurador geral de Justiça Alfredo Gaspar de Mendonça, o jornalista Ênio Lins e o presidente da Academia Alagoana de Letras Rostand Lanverly (Jornal Gazeta de Alagoas, 2018). Ao final desse ato simbólico, Calabar foi inocentado da acusação de traição.

O acontecimento ganhou destaque na imprensa alagoana, com manchetes como “Controverso Calabar ganha um novo julgamento”, publicada pela Gazeta de Alagoas, e “Calabar terá julgamento da história em Livro e Documentário”, divulgada pela Tribuna de Alagoas. O evento representou uma importante iniciativa de revisitação histórica e cultural, promovendo reflexões sobre memória, identidade e os diferentes olhares construídos em torno da figura de Calabar ao longo do tempo.

Figura 5- O Julgamento de Calabar (Ato Simbólico).



Fonte: Jornal Gazeta de Alagoas (2018)

Aos 13 dias do mês de maio de 2026, foi realizada uma montagem cênica do julgamento de Calabar, com personagens simbólicos, tendo como juiz Jesus Cristo, na defesa Nossa Senhora da Apresentação, e como promotor o Diabo. O texto dramatúrgico *O Julgamento de Calabar no Tribunal Celestial* apresenta uma releitura simbólica e alegórica da figura histórica de Domingos Fernandes Calabar, deslocando

seu julgamento do plano terreno para o campo espiritual e metafisico, ampliando o debate histórico ao inserir personagens sagrados e míticos, como Nossa Senhora, Jesus Cristo, o Diabo, São Sebastião e Frei Manoel do Salvador, criando um tribunal que transcende a justiça humana. A presença dessas figuras religiosas transforma o espetáculo em uma reflexão sobre culpa, redenção, pecado, poder e memória histórica. Do ponto de vista cênico, a obra favorece uma encenação marcada pela força imagética e pelo simbolismo. A interação entre personagens sacros e profanos possibilita contrastes dramáticos intensos, aproximando elementos do teatro religioso, do auto popular e da sátira política. Assim, o espetáculo reafirma a permanência da figura de Calabar no imaginário histórico brasileiro, não como personagem encerrado no passado, mas como símbolo das disputas entre verdade, poder e narrativa histórica. Novamente o palco para o evento foi a rua principal da cidade de Porto Calvo, em frente a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação. Ali a história foi mais uma vez recontada, e desta vez com um contexto religioso, com a intervenção e interseção dos santos padroeiros como a presença de Nossa Senhora da Apresentação e do co-padroeiro São Sebastião. Ao final da apresentação Calabar é inocentado da acusação de traição, provando mais uma vez a atitude heroica de Calabar na busca pela liberdade de seu povo.

Figura 6- O Julgamento de Calabar no Tribunal Celestial.



Fonte: Prefeitura de Porto Calvo (2026)

Nesse contexto, de rememorar a história passada, em busca de um herói ou mesmo a absolvição de um traidor de acordo com os relatos portugueses, sabemos que “não se pode mudar a história nem especular sobre hipóteses que jamais poderão ser comprovadas, se os acontecimentos fossem outros que não os que efetivamente ocorreram” (TÉNORIO, 2022, p.171).

3. A Igreja Fortificada

Durante a retomada do território porto-calvense pelos portugueses, a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação foi fortificada. De acordo com Roseline Oliveira em seu livro intitulado *As Vilas e Seus Gestos Urbanos: o desenho de seis núcleos de origem colonial no contexto da representação textual e iconográfica dos séculos XVI e XVII* (2018, p. 139) “A igreja aparece fortificada, intervenção holandesa enquanto prática comum de reutilização dos espaços religiosos”.

A referida autora (2018. p.141) menciona ainda que:

> No conjunto edificado da concentração urbana, as estruturas fortificadas e os edifícios de caráter religioso são os mais demarcados textualmente pela atmosfera marcial e religiosa própria do ambiente colonial, onde as igrejas, conventos e capelas eram normalmente tomados pelos invasores, no caso os holandeses, para funcionarem como depósito ou abrigo militar. Dentre os mapas, destaca-se o de Porto Calvo.

Nesse contexto, as igrejas, conventos e capelas no período colonial brasileiro, devido às invasões e tomadas de território eram usadas como fortificação, sendo frequentemente apropriadas por forças invasoras para fins militares. No caso da Igreja de Nossa Senhora da Apresentação da cidade de Porto Calvo, a fortificação acontece na invasão holandesa até a retomada do território pelos portugueses, destacando a sua localização privilegiada no alto da colina, permitindo ampla visão do território.

Durante o processo de retomada da região de Porto Calvo pelos portugueses, os membros do clero exerceram papel relevante, o Pe. Serafim Leite (2004, p. 320), em sua monumental obra *História da Companhia de Jesus no Brasil*, (Capítulo II, tópico 9), registra a atuação dos Jesuítas em “Pernambuco ao dar-se a invasão holandesa” destacando o nome do jovem padre “Ir. Estudante Manuel Ferreira, 18 anos, de Azurara. Fez campanha. Foi preso do inimigo. Retirou-se em 1635, com os

índios de guerra e distinguiu-se na tomada de Porto Calvo". Neste sentido evidencia a presença constante dos membros da Companhia de Jesus na região, não apenas no desempenho de funções religiosas e educacionais, mas também no contexto dos confrontos territoriais, reafirmando o protagonismo jesuítico na formação e defesa das comunidades locais durante o período colonial.

Tal perspectiva contribui para ampliar a compreensão do patrimônio cultural, revelando a Igreja não apenas como espaço de devoção, mas também como testemunho material dos acontecimentos históricos que marcaram a formação do território de Porto Calvo e seu devir no tempo.

A Igreja de Nossa Senhora da Apresentação foi fortificada no momento em que o Forte foi dominado pelos portugueses, o governador holandês Alexandre Picard, juntamente com Domingos Fernandez Calabar e seus soldados, bateram em retirada, buscando abrigo na edificação religiosa. Conforme descreve Galvão (1881, p. 28): "Os holandeses, porém, não se entregam de todo: procuram novo refúgio na trincheira da Igreja matriz, a poucos metros de distância do Forte, e em duas casas fortes". Acuados por aproximadamente sete dias, Picard decidiu, então, negociar a rendição holandesa, impondo como condição levar consigo, Domingos Fernandes Calabar. O General Mathias de Albuquerque, recusou o acordo, exigindo que Calabar ficasse na qualidade de prisioneiro da coroa portuguesa, para pagar por sua traição e servir de exemplo para a população do povoamento de Porto Calvo. O comandante Alexandre Picard recusa-se a entregar Calabar.

Craveiro Costa (2020, p. 89), relata que:

> "[...] Calabar não podia ignorar que seria morto barbaramente e com ignominia para o seu nome.
> "Acceitae! – disse ele a Picard – Acceitae! Mas vale a vossa vida e a de vossos soldados, que a minha. Eles me humilharão, eles me enforcarão, eles me insultarão até depois de morto, mas eu ficarei satisfeito com este sacrifício, e serei o primeiro brasileiro que morre pela liberdade da pátria."

Entre os dias 20 e 22 de julho de 1635 ocorreram os últimos dias de vida do mulato Domingos Fernandez Calabar, nascido e criado naquela Paroquia, que segundo Galvão:

> Mathias de Albuquerque, general del Rey no exército e guerra representava sua pessoa: e assim, o condenaria [Calabar] a morrer, enforcado e esquartejado, por traidor e aleivoso, e pôr os muitos males, agravos, furtos e

> extorsões, que havia feito, e foi causa de se fazerem aos moradores de Pernambuco. [...] É chamado para confessá-lo e prepará-lo a bem morrer o padre Frei Manoel do Salvador, que residia em Porto Calvo. (GALVÃO, 1881, p. 29).

A Igreja de Nossa Senhora da Apresentação por intermédio do pároco Frei Manoel do Salvador, participou de um momento histórico da cidade de Porto Calvo, lembrado e questionado, até os dias atuais: a rendição dos holandeses e a condenação à morte por enforcamento do porto-calvense Domingos Fernandes Calabar, que é executado em praça pública por garroteamento por falta de forca na cidade. Reconhecido pela população local como herói. Calabar é lembrado por seus feitos em favor de mudança na colonização portuguesa na região.

Interrogado pelo ouvidor João Soares de Almeida, tendo como escrivão Vicente Gomes da Rocha, o condenado Domingos Fernandes Calabar respondeu: “muito sei, mas são as mais abatidas do povo os culpados, tomarei conselho com o padre, vi e posso declarar, na hora da morte falarei”. Galvão (1881, p. 29). O prisioneiro preferiu levar consigo ao túmulo todas as informações importantes que poderia ter auxiliado os portugueses em um possível contra-ataque dos holandeses, e: “Assistido do Sacerdote, padeceu a morte em 22 de julho de 1635, enforcado num esteio, foram a cabeça e partes do tronco fincadas nas estacas das trincheiras e na rua da povoação”. Galvão (1881, p. 30).

Após a retirada de Mathias de Albuquerque com sua tropa para o Sul da capitania, chegou a Porto Calvo o General Segismundo, que: “[...] encontrando profanado os despojos de Calabar, fez tributarem-se-lhes todas as honras fúnebres, mandando enterrá-lo com pompa na Igreja Matriz, e convocando por bando os moradores” Galvão (1881, p. 31).

Novamente, a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação, participou desse momento final da história de Domingos Fernandes Calabar. No entanto, até hoje, não sabemos ao certo em que local da Igreja estaria a sepultura do herói popular, considerado traidor pela coroa portuguesa.

Ainda segundo Galvão (1881, p. 43): “Argumentando, porém o receio de futuros assaltos, porque constava a vinda de reforços para o inimigo, o conde de Bangnuolo empenhou-se na conclusão das obras do Forte de Porto Calvo e fazendo cercas de trincheiras com seus traveses a Igreja”. Nesse sentido a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação surge agora como uma possibilidade de ser fortificada, dessa vez pelos

portugueses, temendo uma retaliação por parte dos holandeses que foram expulsos do território porto-calvense levando consigo o que podiam carregar e deixando para trás histórias e lendas que até hoje são contadas e recontadas pela população porto-calvense.

4. Considerações finais

Conclui-se que a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação está diretamente ligada aos acontecimentos históricos da região durante o período colonial brasileiro, tendo como um dos seus eventos mais importantes e significativos as passagens de Domingos Fernandes Calabar, inicialmente na infância, no batismo e estudo da catequese, e ao final da sua vida ao ser ouvido em confissão pelo padre Manoel do Salvador e após sua morte sepultado na Igreja em local desconhecido.

No imaginário popular, a referida Igreja é guardiã do acesso que percorre caminhos subterrâneos usados por Calabar para se movimentar pela cidade sem ser notado, túneis que guardam tesouros protegidos por uma serpente gigante, bem como histórias de tesouros enterrados pelos holandeses em fuga, até mesmo a história do roubo do sino de ouro[8] lançado ao rio Manguaba pelos batavos.

Assim procurou-se evidenciar que a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação é um elemento fundamental de resgate da memória e identidade da comunidade porto-calvense, ela tornou-se protagonista da história local e cenário dos acontecimentos históricos do Brasil colônia e das manifestações de fé e religiosidade cristã católica desde o período colonial brasileiro até a contemporaneidade.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG, pelo financiamento desta pesquisa, por meio de bolsa de mestrado.

[8] As histórias que ficaram dos holandeses em fuga, são mencionadas pelo professor Guedes de Miranda prefaciando o livro de Jayme de Altavila, intitulado: *O Tesouro Holandês de Porto Calvo*, onde ele comenta que: “O tesouro holandês obcecava-me. Onde estaria ele escondido? [...] O sino de ouro também me deslumbrava. Mergulhei muitas vezes à sua procura com perigo de morte no poço do seu Nicolau, onde diziam ele se havia submergido”.

Referências bibliográficas

ALTAVILA, Jayme de. **O Tesouro Holandês de Porto Calvo**: (novela histórica), 2ª Ed. Arapiraca: Eduneal, 2023

BASTOS, Larissa. Controverso, Calabar ganha novo julgamento. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 22 julho 2018. Seção Cidades, p.4.

BULGARELLI, Claudio. Calabar terá "Julgamento da História" em livro e documentário. **Tribuna Independente**, Maceió, 22 julho 2018. Seção Cidades, p. 14.

CARVALHO, Cícero Péricles de. **Formação Histórica de Alagoas**. 6ª ed. Maceió: EDUFAL, 2021.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia do Brasil Holandês**. Rio de Janeiro: José Olympio. 1956

COSTA, Craveiro. **História das Alagoas**: Resumo didático. 3ª ed. Maceió: Editora Cesmac/EDuneal, 2020.

GALVÃO, Olympio Euzebio de Arroxelas (1881). **Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano**. N. 16, 6º do Volume II. Succinta descripção do município de Porto-Calvo pelo bacharel Olympio E. de Arroxellas Galvão. 1881 (pp. 173 – 186).

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LINDOSO, Dirceu. **Formação de Alagoas Boreal.** 2ª ed. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos: Eduneal: Fapeal, 2019.

OLIVEIRA, C.M.S. **"Uma Vila no Brasil": Um Paraíso na Colônia aos Olhos de Frans Post?** Niterói/RJ, v. 10, p. 11 - 26, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/221675175_Uma_vila_no_Brasil_um_paraiso_na_colonia_aos_olhos_de_Frans_Post

OLIVEIRA, F.I.D. O fio da memória**:** as paisagens do Brasil holandês. **Dialogos Revista de História**, Universidad de Costa Rica Vol. 15 nº 2, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/285815048_O_fio_da_memoria_as_paisagens_do_brasil_holandes/link/5663be2e08ae192bbf8ef77e/download

OLIVEIRA, Roseline. **As Vilas e seus Gestos Urbanos:** o desenho de seis núcleos de origem colonial no contexto de representação textual e iconográficas dos séculos XVI e XVII. Maceió: EDUFAL: Imprensa Oficial Graciliano Ramos. 2018.

QUEIROZ, Álvaro. **Episódios da História das Alagoas.** 3 ed. Maceió. Gráfica Moura Ramos. 1999.

SILVA, Leonardo Dantas. **Holandeses em Pernambuco 1630 – 1654.** 2ª ed. Recife: Caleidoscópio, 2011.

TENÓRIO, Douglas Apratto. A Fé, a Capela, os Santos. In: **Cabanos – Revista de História**. Maceió: Edufal, 2006. p. 13-44.

TENÓRIO, Douglas Apratto. A Presença Holandesa: a história da guerra do açúcar vista por Alagoas. Maceió: Editora CESMAC: Editora EDUNEAL, 2022. p.